



ILHA DE TENERIFFE.

O formoso archipelago das Canarias, de que os hespanhoes se apossaram em 1405, e que hoje constitue uma das suas mais interessantes provincias de ultramar, compõe-se de sete grandes ilhas, que são: Palma, Ferro, Goméra, Teneriffe, Grande Canaria, Fortaventura e Lançarote; e outras mais pequenas; a saber: Graciosa, Rocca, Allegranza, Santa Clara, Inferno e Lobos.

De todas estas ilhas, porém, a mais importante sem contestação alguma é a de Teneriffe.

Ponto de escala de grande numero de linhas de vapores, isenta até hoje dos flagellos que têm visitado a nossa ilha da Madeira, ameaçando-lhe total ruina, a ilha de Teneriffe tem visto prosperar o seu commercio, estenderem-se as suas relações com os diferentes povos da terra, augmentar-se a extensão das suas lavouras, e até prosperarem as suas manufacturas, que já hoje podem dizer-se de algum vulto, e finalmente crescer rapidamente em opulencia e em riqueza.

Fica Teneriffe ao S. da ilha dos Selvagens, a O. da Grande Canaria, ao NE. de Goméra, e a E. de Palma. Mede umas 18 leguas de comprimento sobre 8 a 9 de largura; e comprehende uma população que se calcula ser actualmente superior a 80:000 habitantes.

As cidades principaes da ilha de Teneriffe são Santa Cruz (capital), Laguna, e Oratava; além d'estas povoações contém a mesma ilha muitos outros logares, aldeias e villas.

Laguna foi antigamente a capital d'esta ilha; mas tendo as erupções do vulcão de Teneriffe entulhado

o porto de Guarachico, o melhor que ali havia, foi mister fundar uma nova cidade, e d'aqui vem a origem de Santa Cruz, cuja edificação remonta ao principio do seculo passado.

É Santa Cruz uma cidade bem construida, elegante e acciada, com excellentes estabelecimentos publicos, e alguns magnificos templos.

O seu delicioso clima, que alguns preferem ao da nossa Madeira, attrahe-lhe grande numero de forasteiros, mórmente inglezes.

São os canarienses, e muito especialmente os habitantes de Santa Cruz, de agradável trato, e em extremo hospitaleiros.

Chamavam os antigos ás Canarias *Athlantides*, *Hesperides*, *Elysias* ou *Fortunadas*. Os primitivos habitantes do archipelago denominavam-se *guanchos*; pouco se sabe, porém, da historia d'este povo.

Abstemo-nos de fallar no famoso pico, porque a este respeito se ha de publicar n'um dos proximos numeros uma excellente descripção (acompanhada da competente gravura) devida á penna facil do nosso assiduo collaborador o sr. F. M. Bordalo.

A estampa que damos no presente numero representa a vista geral do porto e cidade de Santa Cruz.

Os inimigos são nossos aios, que nos fazem andar a recado e sobre aviso, sem lhe pagarmos seu trabalho. São freio de nossos vícios, fazem apertar a redea a nossos appetites, porque nos podem ver e acusar.

VIAGEM PITTORESCA A RODA DO MUNDO
E AOS DOUS POLOS.

SECÇÃO III.

Archipelagos do mar Pacifico. — A colonia de Pitcairn. — Estatuas colossaes da ilha de Pascoa. — A ilha de João Fernandes e o seu Robinson. — Cabo de Horn. — O polo antarctico.

Novas ilhas nos apparecem successivamente n'esta facha intertropical, dando idéa de que houve outr'ora aqui um grande continente. De muitas d'estas ilhas é perigosa a aproximação, porque as cingem temerosos bancos de coral; algumas carecem de portos abrigados, e outras, finalmente, não foram ainda exploradas de espaço, e Deus sabe que mysterios em si occultam. Obliquando sempre para o sul, em demanda da ponta meridional da America, vamos dar vista da ilha de Pitcairn, descoberta por Carteret em 1767, e habitada hoje por uma singular colonia.

A equipagem de um navio inglez, que navegava de Taití para as Antilhas em 1789, revoltou-se contra o capitão e piloto, no alto mar, metteu-os em uma lancha, abandonando-os ao furor das ondas, e desapareceu com o navio. Perseguidos por ordem do governo, alguns dos amotinados vieram a soffrer a pena de morte em Inglaterra, outros voltaram ao archipelago da Sociedade, onde foram mortos, e nove, finalmente, que restavam da tripulação, tendo roubado algumas mulheres d'aquelle archipelago, partiram em busca de uma ilha deshabitada em que pudessem estabelecer-se. Passaram vinte annos sem que se ouvisse fallar de taes homens. Ao cabo, porém, d'este tempo, um navio inglez que se aproximou casualmente da ilha de Pitcairn, foi visitado por homens que fallavam o idioma do seu paiz: eram os filhos dos marinheiros revoltados e das mulheres taitianas, robustos moços de seis pés d'altura, e de bella presença. Tinham optimas plantações de coqueiros, bananeiras e inhame, e possuíam muitos porcos, cabras e aves domesticas. Um velho marinheiro tinha servido de magistrado e sacerdote, cumulativamente, em a nova colonia, onde se rezavam piedosas preces antes e depois da comida. Logo que esta noticia chegou a Inglaterra, tratou-se de enviar aos colonos os precisos utensilios de lavoura, e livros religiosos e instructivos; porém são poucos os navios que visitam a ilha, por causa dos recifes que a cercam.

Seguindo proxivamente o mesmo rumo, vamos encontrar a ilha de Pascoa, tambem pouco frequentada, por identica rasão, e pela escacez de agua potavel e de lenha, que ainda a torna inferior a Pitcairn. Os seus habitantes vem a nado trocar conosco batatas, cana d'assucar e bananas, por pedaços de ferro e outras bagatelas, que elles tem em subido preço. O rosto d'estes insulares é còr de cobre muito claro, mas pintam-no de branco e vermelho, e apresentam orelhas disformes, atravessando-as com rôlos de folhas d'arvores. O mais curioso, porém, que ha a ver n'esta ilha, e que surprehendeu muito os seus descobridores, é a serie de estatuas colossaes, de grosseira esculptura, que ahi se encontram, quando em nenhuma outra ilha da Oceania se depara com taes monumentos. Cook e La Peyrouse fallam muito d'estas estatuas, e a estampa que ajuntámos dá perfeita idéa d'ellas (1).

Já perto da costa occidental da America, avistamos

a ilha de João Fernandes, descoberta por um portuguez d'este nome, em fins do seculo XVI, segundo é fama, e celebre pela residencia de Alexandre Selkirk, marinheiro escocez, que ahi viveu solitario durante alguns annos, e cujas aventuras deram origem ao bem conhecido livro de *Robinson Crusoe*. Eis como se conta esta tocante historia.

Selkirk era mestre a bordo do navio inglez *Cinco-portos*, com cujo capitão andava em desintelligencia; quando passaram á vista da ilha de João Fernandes, em 1705. Farto já de aturar *master* Stradling, o escocez preferiu ficar só n'aquelle rechedo, e pediu que o lançassem em terra. Nenhuma proposta podia ser mais bem recebida pelo capitão; immediatamente fez arrear o bote, para o qual desceu o pobre Alexandre; deu-lhe uma espingarda, polvora, balas, tabaco, uma enchada, uma biblia, e outros objectos; disse-lhe adeus, e mandou vogar a embarcação para a ilha. Quando ella voltou a bordo, deixando Selkirk na praia, o *Cinco-portos* marcou convenientemente, e seguiu a sua viagem. D'ahi a pouco perdeu-se, morrendo o capitão e quasi toda a equipagem. Entretanto o marinheiro solitario caçava para se sustentar, e construia para si uma singela habitação de troncos e folhas d'arvores, o sufficiente n'aquelle excellente clima. Habitado á monotonia de seu novo viver, Selkirk considerava-se quasi feliz, procurando na Biblia as passagens mais consoladoras, quando aportaram á ilha dous navios hespanhoes. Estes, porém, estavam em guerra com os inglezes, e o nosso Robinson tratou de evitar o encontro dos seus hospedes, o que todavia lhe foi impossivel. Os hespanhoes fizeram-lhe fogo, mas elle fugiu para um bosque, escondendo-se entre as folhas de uma arvore, até que as embarcações desafferraram do porto. Emfim, no annô de 1709, dous navios inglezes commandados por Woodes Roggers, e tendo por primeiro piloto o celebre navegador Guilherme Dampier, aperceberam o fogo que Selkirk allumiava todas as noites para pedir soccorro, e salvaram d'aquella solidão o seu compatriota e camarada.

Deixando a ilha de João Fernandes, o *Protheu* dá vista da Patagonia, costeia o archipelago da Mãe de Deus, passa a bôca occidental do estreito de Magalhães, e dobra o cabo de Horn, prôa do Novo-mundo, como o cabo da Boa Esperança, é prôa do antigo continente, segundo a feliz expressão de Alexandre Dumas.

E pois que estamos em janeiro, verão no hemispherio austral, vamos investir com os gelos do polo antarctico, buscando augmentar o catalogo das descobertas nos mares do sul, que immortalisaram os nomes de Queroz, Tasman, Weddel, Cook, Kerguelen, Smith, Wilkes, Biscoe, D'Urville e Ross. Descobrimos as ilhas da Candelaria e a terra de Sandwich, entre 57 e 58 graus de latitude austral, diz o capitão Cook: «A natureza condemnou estes logares a um frio perpetuo; aqui jámais se sente o calor benefico do sol; e não conheço, em lingua humana, termos que exprimam quanto é horrivel e selvagem o seu aspecto. Se são taes as terras que havemos descoberto, o que se poderá esperar das que jazem mais ao sul!»

Dumont d'Urville, achando além dos 63 graus a terra de Luiz Philippe, esteve um mez prisioneiro entre os gelos, e descreveu assim essas medonhas ilhas fluctuantes, que estiveram a ponto de lhe esmagar o navio: «A còr mais vulgar d'estas massas de gelo é o cinzento, em consequencia de uma nebrina quasi permanente que as reveste; mas se succede levantar-

(1) Veja-se a gravura estampada no n.º 31 d'este volume.

se esta nevoa, e que os raios do sol possam illuminar a scena, apparecem então os maravilhosos effeitos da miragem. Dir-se-ia uma grande cidade, destacando d'entre a geada os palacios, as fortificações e os campanarios que a decoram. As vezes mesmo crer-se-ia ter diante dos olhos uma bonita aldeia, com seus castellos, suas arvores, e suas risonhas selvas, tudo salpicado de neve. O silencio o mais profundo reina em meio d'estas planicies geladas, e só dão idéa da vida alguns passaros girando sem ruido, e as baleias cujo halito surdo e lugubre rompe a intervallos esta penosa monotonia.»

Biscoe não encontrou na terra de Enderby nem gente, nem vegetação alguma, isto já para dentro do circulo polar antarctico. Imaginae o que veria James Clark Ross na terra Victoria, em muito maior latitude!

Cercados de montanhas de gelo, mais altas do que o tope dos nossos mastros, vamos demandando o cabo da Descoberta, na terra Adelia, que appareceu a D'Urville em 1840. Bandos de aves aquaticas vôm em roda de nós, e grande numero de phocas agitam as aguas que o *Protheu* vae sulcando. Cada uma d'essas ilhas de cristal apresenta uma configuração particular: do alto d'esta despenha-se um ribeiro, que tomba em espumosa cascata sobre o mar; aquella eleva-se aprumada para o céu, como um obelisco; est'outra agita-se sobre as vagas como abalada por um vulcão. Que espectáculo brilhante o de uma aurora austral n'estas paragens! O céu rasgando-se em fitas de fogo multicores, dá um colorido phantastico áquellas regiões semi-mortas, e cruza o terror com a alegria no coração do observador.

Navegando sempre para o sul, novas barreiras de neve, não já ilhas soltas, mas grandes massas agglomeradas, se atravessam diante de nós. Como, porém, se enxerga um estreito canal entre dous altos paredões de gelo, tentaremos por ahí passar além da terra Adelia, e mesmo, se fôr possível, além dos ultimos marcos austraes plantados até hoje pelos homens.

Os aspecto das visinhanças do polo antarctico é mais horrivel do que o do seu antipoda: aqui é o verdadeiro imperio da morte. Tudo é mudo em volte de nós!

Eis-nos em 80 graus de latitude; e o caminho das aguas está inteiramente cortado por altas montanhas. Posto que não enxerguemos mais do que gelo, a configuração d'estas serras induz a crer que formam uma verdadeira terra, talvez o continente antarctico, tão procurado ha tres seculos, e que mais de um navegador já suppoz ter achado. Como é provavel que elle exista, para contrapezar as terras do Arctico, daremos a este novo paiz, suppondo que não é de gelo, a denominação de *Terra do Protheu*, em honra do nosso excellente navio; chamaremos bahia da *Imaginação* a essa parte que mais recolhe para o sul, baptizando igualmente com os nomes de cabo do *Sonho* e morro da *Idealidade* as duas pontas que fecham esta angra. Todo o resto das enseadas, cabos, picos e ilhotes que estão á vista, ficam á disposição das amaveis leitoras e benevolos leitores para lhes darem os nomes que forem mais do seu agrado.

E agora, deixando pela popa estes sinistros logares, dirigâmo-nos a visitar os nossos antipodas, d'onde proseguiremos a torna-viagem para a Europa.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

II.

DOMINGOS DOS REIS QUITA.

NA ARCADIA — ALCINO MICENIO.

1728—1770.

XIII.

Passemos agora a examinar de mais perto a lucta do poeta com as difficuldades, e ao mesmo passo iremos assignalando os logares em que brilha a sua imaginação, e se manifesta a originalidade da invenção.

O Quita deixou-nos treze eclogas e dezenove idyllios, sem contar o drama pastoril de *Lycore*, dividido em tres actos, uma das composições mais formosas d'este genero.

Em todos os seus poemas campestres é clara a imitação de Virgilio, e da escola moderna classica; mas transparecem já toques visiveis da suavidade de Gesner, e da sua maneira pittoresca de representar as bellezas naturaes.

Entretanto, as poesias buccolicas de Domingos dos Reis não são isentas de defeitos, nem se podem apontar como primores absolutos.

Se muitas vezes é feliz na expressão dos episodios, e na configuração das scenas campezinias, e se possui a delicada arte de as dispor com agrado, formando quadros interessantes, falta-lhe não poucas a unidade da idéa e do desenho, e nem sempre se percebe qual foi o objecto que se propoz.

Esta imperfeição é commum tambem a Theocrito e a Virgilio; mas, seguindo com mais cuidado os exemplos de Gesner, poderia evital-a, deixando de imitar até nos erros os latinos.

Separando-se por vocação e estudo do plano dos antigos, Gesner consegue triumphar sem custo da monotonia, precipicio quasi inevitavel do genero; e pintando os bosques, as aguas, e o céu, fia-se mais nos olhos e nas sensações, do que nos roteiros cem vezes percorridos das poeticas e dos livros.

Nos caracteres e costumes dos pastores, unindo a singeleza á profunda analyse do coração humano, soube ser discreto e sobrio, desviando-se tanto das subtilezas intrincadas dos buccolicos italianos e francezes, quanto se afasta das restricções pueris dos criticos, tendentes a circumscrever a esphera da invenção, tornando os camponezes ideaes a excepção insípida de todos os sentimentos e paixões.

Porque não bebeu o Quita com mais desafogo n'esta fonte, e não remoçou os idyllios da Arcadia nas aguas de uma verdadeira juventude?

As cordas que fere o Theocrito suiso todas se encontram na natureza, e as notas que lhes correspondem são as mais puras, e as que geram commoções mais vivas e sinceras.

Em quanto existir o mundo o amor paterno, a ternura filial, a amizade, e o enlevo conjugal, hão de sempre ser os laços indissoluveis, que liguem o homem á sociedade; e o poeta, que nos seus cantos suscita estas doces imagens, com as risonhas virtudes, que são a sua alegria, sem orgulho póde dizer-se um grande mestre.

As graças ingenuas da simplicidade não diminuem antes augmentam ao drama íntimo o seu effeito.

A prova está nos idyllios de Gesner.

Que branda luz, e que meiga melancolia não illuminam os seus quadros!

Que verdade não realça em rasgos bellissimos a lindeza desaffectedada das suas descripções, e a frescura dos sitios bem escolhidos, em que nos abre a scena!

Infelizmente o Quita aproximou-se mais de Virgilio, que de Gesner; e por isso o canto lhe desmaia em muitas occasiões, cansado de repetir com variações conhecidas o mesmo motivo.

Depois (inconsequencia notavel!) como a extensão permittida era tão curta, que em poucos passos se alcança toda, o poeta naturalisa sem escrupulo os assumptos menos buccolicos, e não duvida introduzil-os no recinto vedado ás preoccupações politicas, e ás especulações philosophicas.

As inverosimilhanças, que nascem d'esta violenta inversão, apparecem palpaveis!

Os cabreiros e vaqueiros esquecem-se de si, dos seus rebanhos, e das copadas arvores, que os abrigam, e principiam a discorrer como graves ministros ácerca das inquietações do tempo, gizando reformas, e aflautando lisonjas.

Os pasmatorios do largo das Chagas e os sebastianistas da gazeta, apupados com tanto sal nas satyras do Tolentino, pouco lhes cedem em loquacidade novelleira.

Tudo sic contrahido e falso.

As expressões brigam com os factos. Os caracteres desmentem-se; e a illusão descoberta, prolongando-se, converte em lisonja metrificada o dialogo pastoril. O que poderiam significar, como obras buccolicas, essas eclogas, cujo assumpto, como o da IV de Quita, é celebrar na Arcadia a preservação da vida d'el-rei D. José no attentado dos fidalgos; como a V, que trata só do natalicio do principe D. José, ou como a VI, que toda se consome em elogios ao despacho do conde de Oeiras?

Bastarão os exordios, e algumas tintas campes-tres para lhes assegurar a unidade, a côr, e a physionomia proprias?

Um ou outro lance feliz, esta ou aquella pintura delicada, absolverão o todo, e farão poetico e adequado, o que nasceu forçado, e repugnante á indole da musa dos-bosques?

Virgilio praticou o mesmo?

De certo! Mas de que modo, e com que prumo!

Quando Tytiro e Melibeu se queixam dos furores da guerra civil, um venturoso, outro desherdado, a allusão politica entra como accessorio, e longe de destruir, confirma a verosimilhança.

A discordia não incendia só as cidades. Solta e ebria de sangue, e coroada de tempestades calca aos pés as searas meio ceifadas, os cachos maduros para a vindima, e as mais gratas esperanças do lavrador.

Nos logares aonde antes se escutava a flauta rustica, resoa bravo combate a trombeta dos exercitos; e as socegadas campinas, aonde ha pouco o luar adormecia sobre ás relvas, estirando as sombras dos troncos e das ramas, agora o sol erguendo-se por cima das collinas só desponta sobre ossadas, cinzas e ruinas!

Se o argumento da IV ecloga do Mantuano comemora o natalicio de um principe, ou ainda mais alto ascende, abalançando-se, nas azas do entusiasmo lyrico, á visão futura, os criticos illustrados concordam todos qualificando o poema, como uma bella excrecencia do genero, embora em um berço de flores se disfarce a intenção politica do poeta!

Se Virgilio se eleva na VI ecloga, e sobe ás sublimes especulações dos systemas philosophicos, para explicar a origem das cousas, e a formação do universo, logo toma a desculpa no principio:

Cynthius aurem

Vellit et admonuit: Pastorem, Tityre, pingues,
Pascere oportet oves, deductum dicere carmen.

e desenhando a scena e os personagens d'ella, por uma formosa imitação do modelo grego, conserva a verosimilhança pastoril, tornando naturaes, na bóca do galhofeiro Sileno, as opiniões, que seriam inopportunas, proferidas por pastores.

Assim é que Virgilio conciliava as suas excursões com a unidade e o caracter peculiar do poema.

Os modernos, seus imitadores, contentaram-se com registrar o exemplo, e saíndo apoz o mestre, perderam-se do centro, em que deviam ter a vista, e para o qual, com destreza rara, o Mantuano tende sempre, por mais caprichosos, que alongue os seus rodeios.

Domingos dos Reis, abusando como os outros vates classicos das liberdades ensinadas pelo amigo de Mecenas, desvaira-se com frequencia affeiçoando ao molde restricto da buccolica, argumentos que elle rejeita, e que sem lhe alegrar os horisontes, a tornam pezada, ou pueril.

Temos sido severos na critica geral da obra poetica de um dos cantores mais distinctos da Arcadia, e não nos arrependemos.

Agora é tempo de indicar tambem as qualidades, e de insistir nas bellezas e merecimentos, que gran-gearam a Domingos dos Reis a sua reputação legitima.

Os defeitos, que lhe notamos, procedem de duas causas, da epocha em que viveu, e das circumstan-cias, em que se manifestou, que não estava na sua mão vencer de todo.

A falta de estudos serios na idade propria, e a necessidade de a supprir depois á custa de leituras variadas, e pouco digeridas fazia-se-lhe sentir em mais de uma occasião.

Apesar da sagacidade do juizo, e da delicadeza do gosto, sempre que se encontra com uma difficuldade grande, ou que se vê mettido em um passo mais arriscado vacilla, e desconfiando de si soccorre-se aos livros, para encostado a elles se esquivar do perigo, fugindo para a cópia. O rigor das regras, e a intolerancia dos dictadores academicos, que as applicavam, constituíam outro embaraço não menos grave para um animo timido, e um engenho pouco viril.

Aonde paravam os vestigios dos emulos e dos modelos a pagina do codigo poetico achava-se aberta, e a imaginação e mais a arte, sob pena de publica estranheza, eram obrigadas a inclinar-se, e a obedecer.

O mesmo Gesner, sujeito a tantas peias é possivel que desanimasse, se não se decidisse a romper por uma vez com todas ellas, e com os zelosos fiscaes da sua observancia, acto de resolução que o genio do Quita era incapaz de comprehender, e muito menos de executar.

Esmerado, comedido e correcto, aspirando só a agradar, e limando muito os versos para isso, o seu talento modesto lembra muito o lago sereno e abrigado, que reflecte na superficie espelhada os objectos, que o cercam, e que não se enfurecendo nunca diante do sopro das tormentas, deixa de apresentar as grandiosas vistas e o espectáculo sublime da ira dos elementos!

Eis o que pede a razão que se diga, e o que importa attender sempre, quando se aprecia um auctor, collocado, como o Quita, no meio de um periodo de reacção.

Exigir d'elle o que nem o seculo, nem as suas fa-

caldades comportavam seria mais do que injustiça, era calcar os principios e os deveres da critica.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.



BAIXO-RELEVO ANTIGO.

Poucas regiões haverá no mundo em que se encontrem tão preciosos monumentos da arte antiga como a Moréa, essa grande península mais conhecida pelo nome de Peloponeso. E por esta circumstancia tambem talvez nenhuma tenha sido tão cuidadosamente visitada por architectos e archeologos. De todos os trabalhos de exploração nenhum conhecemos, porém, que possa comparar-se ao que foi desempenhado por uma commissão franceza nomeada *ad hoc*. O seu relatório, esplendidamente impresso por Firmin Didot, acaba de publicar-se, e é do seu tomo III que copiámos o desenho que precede estas linhas, representando um baixo-relevo encontrado em Sicyone. Seria difficil explicar o sentido ou conhecer o auctor d'este interessante monumentinho; entretanto é incontestavel que remonta aos melhores tempos da esculptura.

NOTAS SOBRE O MAR D'AZOF E O MAR PUTRIDO.

II.

O caudaloso Don (*Tanais* da antiguidade) que sae do lago Ivan-Ozero na Russia meridional, governo ou provincia de Tula, vem no longo curso de 254 leguas de 20 ao grau, separando a Europa da Asia, desaguar no mar d'Azof; no golpho que ahi fórma estão situadas as duas cidades mais importantes d'este mar, por sua população e commercio. Taganrog e Mariopol. O nome da primeira foi bem conhecido em Lisboa quando Portugal carecia de importar cereaes para seu consumo; no terceiro eram preferidos os trigos de Taganrog aos de Odessa em razão da limpeza do grão, purissimo de sementes es-

tranhas, e da abundancia de farinha excellente que produziam.

Aproveitaremos agora a recentissima informação do capitão tenente Lallement, que commanda um navio da divisão naval franceza que percorre o mar d'Azof.

«A entrada do golpho formado pelo Don é marcada pelo cabo Bielosarai ao norte e o cabo Obris ao sul; este ultimo, de terras mui rasas, deve ser costeado ao largo a distancia de 18 milhas, e a perder-se de vista, para evitar com segurança os dois bancos de Helena e Dolyaia, que partindo do pontal Obris se prolongam, o primeiro na direcção de sudoeste, e o segundo ao noroeste na do cabo Bielosarai, deixando entre a sua extremidade e o mesmo cabo uma passagem de 10 milhas quando muito. Os navios que vão a Taganrog ou a qualquer outro porto do golpho devem demandar a terra do Bielosarai, o qual se distingue mediante um pharol de 80 pés d'altura, erecto na lingueta de areia que termina a ponta do cabo; acham-se 14 pés d'agua mesmo a seis ou sete amarras para leste da sobredita lingueta; pôde-se prolongar o navio com a terra sem perigo a uma milha de distancia até Mariopol.

Exactamente no ponto onde a costa, que desde Bielosarai corre ao nornordeste, volta subitamente para leste, vem desaguar o pequeno rio de Kalmiousse, na margem direita do qual tem seu assento Mariopol, que é talvez a maior escala de trigos que os russos estabeleceram no mar d'Azof para acudir ás precisões das suas tropas na Criméa.

Uma parte d'esta cidade eleva-se em socalcos no declive escarpado, na altura de 45 a 50 braças; outra parte prolonga no chão plano as suas bem alinhadas e espaçosas ruas, interceptadas em angulo como todas as cidades de construcção moderna. O Kalmiousse teria largueza e fundo para servir de porto a embarcações que demandassem 7 a 8 pés de agua, se não tivesse a foz obstruida por um banco de areia, em que se navega apenas em 3 pés d'agua; tem por affluente uma ribeira que rodeia a cidade ao norte, e formaria em caso necessario uma boa defeza militar.

Deita-se ancora em frente de Mariopol com 13 ou 14 pés d'agua, e bom fundo de areia lodosa, a distancia da praia obra de nove amarras.

Ainda que pareça que a corrente do Kalmiousse deveria formar baixios junto á sua foz, demanda-se mais facilmente a cidade do lado do rio que da parte sudoeste. Pude fundear com a *Gaiota* em dez pés de fundo e tão somente a cinco amarras ao sul quarta de S. E. d'aquella foz; e podia disparar d'ahi os meus obuzes sobre qualquer parte da cidade.

Largando de Mariopol nada estorva seguir mui proximo da costa até á povoação de Kirpi, tendo o cuidado de dar resguardo ás ilhotas d'areia, que demoram defronte de Liapina, e parecem formadas pelo entulho que o rio carrega, atirado para leste pelo mar de sudoeste, unico que algum tanto se encapella n'estas paragens. É necessario depois metter proa a les-sueste para livrar do banco de Kivaia, que se estende seis milhas pelo menos ao sudoeste e ao poente da ribanceira em que está situada Norvica, e que é o prolongamento submarino da mesma ponta de Kivaia. Até Norvica pôde-se chegar mais perto de terra do que em outra parte do golpho de Don. Passa-se depois á vista de Platava na margem esquerda de um ribeiro, e que de longe tem por balisá uma igreja; mas d'ahi por diante os baixos de Beglith, de Talstaia, e de Petrochina, que não são mais do

que aggregações de areias, que não deixam aproximar da terra menos de tres milhas qualquer navio que demande fundo de 11 a 12 pés: cumpre mesmo afastar da costa a distancia de 4 ou 5 milhas ao chegar ao baixo de Petrechina até estar na linha norte e sul com o cabo que lhe dá o nome, e onde campeia uma grande povoação.

Descobre-se então, a oito milhas a N.N.E. o cabo Taganrog, e toda a parte da cidade edificada no lado do mesmo cabo que olha para o sul. Os navios de grande porte deitam ferro n'este sitio com um fundo que varia, segundo a estação e o vento, de 10 a 18 pés d'agua! Bem é de perceber a difficuldade de apresentar uma tabella aproximativa de sondas de uma localidade sujeita a taes variações; só cumpre notar que as maiores aguas tem logar no fim de maio quando se derretem as neves, e as aguas mortas são na segunda quinzena de agosto quando muitos ribeiros se acham seccos; n'esta epocha as aguas baixam muitos pés em toda a extensão do mar d'Azof, e a barra ou estreito de Kertch difficilmente permite passagem a embarcação de mais de dez pés d'agua.

Além d'isso a caldeira de Taganrog em todas as estações sobe ou desce sensivelmente conforme sopra o vento de leste ou de oeste: conforme o fundo que se achar n'este ancoradouro, que se póde chamar a grande enseada de Taganrog, se julgará se convem seguir para a cidade, e n'este caso se fará rumo de N.E. virando cautellosamente por estibordo todas as vezes que a sonda accusar diminuição um pouco repentina de fundo.

Conseguir-se-ha d'este modo passar o cabo de Taganrog ao N. O. quarta de N. e encontrar-se-ha um fundo quasi uniforme. Fazendo rumo ao norte estase no leito cavado pelo curso do Sambek, aproximando-se quanto o permite o porte do navio.

Demais d'isso, sendo o fundo de vasa molle, não ha perigo em encalhar, e só deve evitar-se ser tomado de sobresalto n'essa posição por alguma das subitas baixas d'agua de que acima fallamos, e que os ventos fortes de nordeste infallivelmente produzem, correndo-se n'esse caso o risco de ficar mettido no lodo por muitos dias e até por muitas semanas.

O cabo Taganrog fórma um angulo recto, com um lado para o sul e outro para leste: na ponta d'este promontorio, que por consequencia é virado ao sueste, acha-se uma ilhota rasa, que em aguas mortas pega com a terra firme; chamam-lhe Pcherpaka (tartaruga). Quasi toda a cidade está edificada no cimo da ribanceira; mas, em baixo no lado oriental d'esta ha um terreno chão com perto de 180 braças de largura, de que fizeram um cães muito bem conservado, e no qual se levantam duas ordens de armazens a que deitamos fogo em 3 de junho ultimo.

Do ancoradouro de Taganrog avistam-se a 10 milhas de distancia os terrenos baixos e alagadiços que terminam o golpho, entre os quaes desagua o Don por cinco bôcas. Não foi possível ir ávante nenhum dos nossos navios, e a exploração de toda essa parte interessante do mar d'Azof só poderá ser feita em barcos.

Na margem meridional do golpho do Don, e quasi fronteira a Taganrog jaz a pequena cidade de Magaritorka, cuja notável igreja se divisa de muito longe no meio das terras baixas, e serve de balisa para a cabeça do baixo Gretcherkoi, que se dilata oito milhas para o noroeste do cabo Ptchimbursk. Tendo tomado por marca a referida igreja ao S. 25° E. e a cathedral de Taganrog ao N. 41° L. achar-nos-hemos no ponto preciso, onde os russos tinham collo-

cado uma balisa negra para indicar o fim do baixo, e póde seguir-se de mui perto a costa até á ponta de Sazanitikoi que se estende a 2 milhas para o nordeste da aldeia de Nemnora.

Os navios que só requerem, como a *Gaiyota*, dez pés d'agua podem continuar a prolongar-se com a costa deixando á sua direita um largo banco de areia e de conchas, cuja parte mais elevada fórma uma ilha tambem de areia, e que segue obra de 12 milhas a O. N. O. de Sazanitikoi. Da ponta d'este banco, onde tambem estava d'antes uma balisa preta, marca-se a igreja de Platora na costa do norte ao N. 30° E. e a igreja de Sazanitikoi ao sul 51° E. Quando se passa este banco vê-se a bahia de Gheisk, onde o pouco fundo não permite entrar, e na praia occidental d'ella a nova aldeia do mesmo nome, onde os armazens e propriedades do governo tiveram a mesma sorte dos de Mariopol.

Fundea-se em frente de Gheisk ao noroeste da cidade com 14 pés d'agua e fundo de areia misturada com vasa, e póde-se costear a terra até o cabo Obris, que fórma a entrada do sul no golpho do Don, e que se reconhece por um monticulo. A partir d'esse cabo prolongam-se a oes-sudoeste e noroeste, distancia de quasi 18 milhas, os dois bancos de Helena e Dolicaia, de que fallei ao começar a descripção d'esta curiosa parte do mar d'Azof.»

O VOADOR.

1709—1724.

II.

Da antiga capella da Penha de França, aonde conduzimos o leitor no fim do anterior capitulo, e que desabou por occasião do terramoto de 1755, nenhum vestigio resta no mosteiro que hoje se vê n'aquelle mesmo logar. A primitiva fabrica, erguida nos fins do seculo XVI, com o producto das esmolas dos fieis, solicitadas por um soldado d'Africa, principiou com acanhadas dimensões. Prizoneiro em Alcacerquibir, o devoto guerreiro fez voto de levantar uma ermida sob a invocação da Senhora da Penha de França, se escapasse ás algemas da escravidão; e logo que voltou á patria cumpriu a promessa.

Engrandecida depois pelos dinheiros da cidade, como dissemos a proposito do voto de 1599, a capella attingira um soffrivel grau de esplendor no anno de 1709, em que começa a nossa historia. (1) A igreja em si era pequena mas alegre, e a sua capella-mór attestava em custosos ornatos a piedade dos burguezes de Lisboa. Na sacristia havia um monstruoso lagarto, como ainda hoje ali se vê, e muitos d'esses quadros da infancia da arte, votados por pobres naufragos á Mãe dos afflictos, que mostram todavia, em traços rudes e com grosseiras tintas, o horror de uma tormenta e os perigos do mar.

Pelo lado do norte flanqueava o edificio uma esbelta torre; e ao nivel do tecto, na direcção do sul, estendia-se um vasto terraço, que communicava com o templo por meio da escada da sacristia, que já conhecemos, e com a rua por outra escada mais larga e arejada, que vinha desembocar em uma porta, aberta no muro contiguo ao adro da igreja. Por bai-

(1) A capella já de ha muito pertencia aos cremitas de Santo Agostinho, que lhe annexaram um convento; porém nós estamos escrevendo um romance extra-historico, e não uma chronica. (Satisfação do auctor aos eruditos.)

xe d'este terraço era a casa do capellão, que tambem tinha duas serventias. Compunham-se os seus aposentos de uma saleta, uma alcova, cosinha, e outro quarto onde dormia o sacristão; das janellas disfrutava o reverendo uma vista deliciosa, e vivendo em paz com a consciencia, devia-se considerar feliz n'aquella solidão.

As dez horas da manhã appareceu, como promettera, o Camões do Rocio, á porta da ermida; e o sacristão, correndo á saleta do padre Bartholomeu, annunciou-lhe a chegada do corregedor do crime. O clerigo dormira pouco e mal, estava pallido e abatido; mas, apesar d'isso, fez um esforço sobre si, e ergueu-se da cadeira, dizendo:

— Conduz o ministro ao terraço; e não te esqueças da recommendação que te fiz esta noute. Quanto menos palavras, melhor, porque o sr. juiz é muito ladino.

O sacristão saiu promettendo discrição na lingua, e patenteando-a n'os olhos, pois nem sequer pareceu notar que estava alguem no quarto, além do capellão.

De facto outra pessoa se envergava em um dos angulos d'aquelle aposento. Era um rapaz de doze annos, ou uma menina de quinze? Eis o que seria difficil adivinhar á primeira vista. O cabello negro e curto, e o vestuario todo masculino indicavam um mancebo; porém a linda physionomia, as mãos e os pés delicados, pareciam denunciar uma dama disfarçada. Bartholomeu aproximou-se da creança, logo que o sacristão se sumiu, beijou-a na fronte, e disse-lhe com voz tremula, mas sem aspereza:

— Fecha cuidadosamente a porta, e não abras sem sentir o signal convencionado.

Quando o clerigo transpoz o limiar da porta, a formosa creatura deu duas voltas á chave, e caía sobre uma cadeira, cedendo á fadiga do corpo, mas patenteando nos olhos a resolução de um espirito energico.

Devia ser aquelle o penitente da procissão dos ferrolhos; é porém certo que, no momento de assomar ao terraço o padre Bartholomeu, perguntava o corregedor quem era o penitente dos grilhões, e se estava ali; e o sacristão interrogado, respondia com o maior sangue-frio: «Está aqui, senhor, sou eu.»

O bom do clerigo não pôde suster o riso, e escondeu-se atraz da porta para ouvir a continuação do dialogo.

— Tu! disse o Camões, depois de examinar a alentada figura do sacristão, tu! não pôde ser. Elle era mais baixo e mais delicado.

— Era eu, senhor, replicou com a mesma fleugma o manigrepo.

— Brincas comigo? Não vejo eu esses pés de cotovelos, quando os do outro...

— Eram estes, senhor.

O Camões recuou um passo, desorientado pela placidez do seu interlocutor; mas occorreu-lhe logo uma feliz idéa:

— Descalça, disse elle, esses sapatos de legua e meia, e veremos se tens os pés feridos como os tinha o penitente.

Para este caso imprevisto não estava preparado o sacristão; era um ponto omisso nas suas instrucções; e tudo estaria perdido, se o padre não sáisse immediatamente do seu esconderijo.

— Temos a cerimonia de lava-pés! exclamou elle ainda da porta, quando já o sacristão se dispunha a sacar os chapins. — Oh! sr. corregedor, não estamos em sabbado de alleluia!

— Diabo! murmurou o Camões, meio envergonhado; adiemos o assumpto.

Bartholomeu, a quem não convinha tambem a continuação d'aquella conversa, aproveitou-se do soliloquio do magistrado para mandar retirar o sacristão; e logo, com o desembaraço de um habil machinista, junto á desfaçatez do charlatão, começou a descrever o seu famoso invento.

— Eis-aqui, disse elle, a minha barca, com a qual me proponho a andar pelo ar, da mesma sorte e com mais brevidade do que se andasse por terra ou por mar, como tudo expliquei no meu requerimento a sua magestade. Em cima temos o velame, para o caso de se encontrar vento favoravel, e aqui o leme, para dar a precisa direcção á machina, segundo a vontade do artifice piloto. Estas azas que pendem da barca, evitarão que ella caia á banda; os folles, que vê, supprirão a falta do vento; e dentro d'estes globos metallicos vae o *segredo* attractivo. D'aqui a tres dias verá el-rei com os seus proprios olhos, e toda a côrte e o povo de Lisboa, que o padre *passarola*, como por ali me chamam os ignorantes e os invejosos, ou o padre *voador*, como os fanaticos da inquisição me appellidam, verá toda essa gente, que dotei o meu paiz, e o genero humano, com a mais importante descoberta, qual é a rapidez das communicações, pois que d'esta fórma se poderão caminhar duzentas e tresentas leguas por dia.

Bartholomeu Lourenço enthusiasmára-se de tal maneira, fallando do seu invento, que todas as outras idéas se lhe varreram da memoria; porém o Camões do Rocio, que não acreditava nos promettidos resultados da nova machina, teria rido do pobre clerigo a bom rir, se uma suspeita lhe não esvoaçasse pela mente.

— Meu voador, dizia o faceto magistrado consigo mesmo, creio que continuas a mangar comigo, fingindo-te enthusiasmado por esses arames, e por essas esteiras, com cujo auxilio promettes ir visitar o sol e a lua... mas não has de enganar-me. Bem me lembro do falso penitente, que me mandaste em logar do verdadeiro; porém descansa, que os beleguins e os espiões ainda se não acabaram.

Durante este curto monologo, o padre caminhára para um angulo do terraço, aonde se via outra machina mais pequena e mais simples. O corregedor, que só então viu este segundo balão, accrescentou, em voz alta, e com ar zombeteiro:

— Olá! parece que a *passarola* não é esteril; ahi temos uma filha sua.

A estas palavras do Camões, o sabio inventor do aerostato desceu das alturas da imaginação, em cujas azas rompia mais velozmente os ares do que esperava fazel-o na sua machina, com quanto muito confiasse n'ella; e topando com o espirito frivolo do corregedor, respondeu com melancolico sorriso:

— Dentro da grande barca espero eu correr as sete partidas do mundo; mas é com o pequeno balão que farei a experiencia nos paços d'el-rei. Seria difficil desmanchar e tornar a montar aquella; por isso aqui ficará até que se resolva a primeira expedição, a que hei de aventurar-me com mais dez companheiros.

— Não serei eu de certo nenhum d'elles! murmurou baixinho o Camões; e accrescentou depois em voz alta: — No dia 8 vae sósinho, padre Bartholomeu?

— Só. Quem se atreveria a acompanhar-me? Colombo achou bem poucos que o seguissem á descoberta do novo mundo, e esses mesmos revoltaram-se

no caminho contra o grande homem!... E mais era n'um elemento conhecido que iam navegar! A fabula de Icaro, as azas de João Baptista Dante, as machinas aerias de Cook, não são precedentes animadores para qualquer se arrojarem ao espaço, sem ter visto claramente a possibilidade e pouco risco da empreza.

— Está doudo! pensou o bom do corregedor.

— Agora, acrescentou elle, dando um pequeno embrulho ao padre, aqui está a promessa em que lhe fallei: são outenta cruzados para uma nova corôa da Virgem. E não me esquecerei de relatar a sua magestade tudo que acaço de ver. El-rei ha de esperar com impaciencia pelo dia da ascensão. Receba os meus parabens, padre Gusmão, e adeus.

— Permitta-me que o acompanhe até á porta...

— Não é necessario; basta o sacristão... o penitente.

— Está muito dorido dos pés; talvez fosse descansar. Eu guio o sr. corregedor.

E precedendo o Camões, desceu a longa escada que conduzia do terraço ao adro da ermida, aonde muitos basbaques estavam contemplando com pasmo e terror a parte da machina que se enxergava no alto.

Depois de fazer uma profunda venia ao amigo d'el-rei, subiu o capellão a mesma escada até meia altura; volveu á esquerda por um corredor escuro, e achou-se á porta do quarto aonde deixára a creança. Bateu como os nós dos dedos seis pancadas, com intervallos de duas a duas, depois assoviou de uma maneira particular, e a porta abriu-se docemente.

O rosto do sabio estava afogueado, e as lagrimas que corriam por outras faces que roçaram pelas suas, foram como o orvalho benéfico que tomba do céu sobre o areal abrazado pelos raios de um sol intenso.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

UTILIDADE DAS TOUPEIRAS.

É extraordinario o encarniçamento com que os camponezes procuram e destroem as toupeiras. E todavia os estragos que causam nos campos estes pequenos animaes são bem insignificantes comparados com os serviços que prestam.

A toupeira, diz o sr. Pouchet, é essencialmente insectivora; e apesar de tudo o que se tem dito, é innegavel que não roe a raiz de nenhum vegetal. Sobre mais de 200 toupeiras que aquelle zoologo dissecou, com o intuito de esclarecer este assumpto, em nenhuma encontrou vestigios de plantas, achando-lhe aliás os estomagos repletos de fragmentos de insectos.

Importa que os agricultores saibam, que este pequeno insectivoro é de uma voracidade extrema. M. Flourens teve occasião de verificar que as toupeiras expiravam se porventura acontecia ficarem um dia sem comer. Esta voracidade, acrescenta M. Pouchet, dá a medida dos serviços que este animal pôde prestar á agricultura, libertando a terra de uma multidão de insectos nocivos. A toupeira não abre as suas tocas ramificadas debaixo do chão senão para buscar no seu trajecto os diversos animalculos de que se alimenta: tal é o fim da sua laboriosa vida. Se estivesse um dia sem encontrar sustento n'um campo, peroceria. Assim toda a vez que o lavrador vê as tou-

peiras persistir em suas terras é que as raizes das vegetaes lá lhe offerecem abundante pasto; e acredite-se que o mamífero compensa largamente o estrago que faz revolvendo o solo pelo numero de insectos que devora.

Estes factos são de tal evidencia que hoje em certos paizes os agricultores compram toupeiras para as deitarem nas vinhas quando percebem que as raizes estão atacadas de insectos que cumpre aniquilar.

AGARICO PHOSPHORECENTE.

Um botânico celebre, cuja perda recente a sciencia deplora, deu o seu nome a esta producção vegetal d'um effeito tão maravilhoso. O *agarico Gardneri* nasce nas profundas solidões de Goyaz, Brazil. Os habitantes d'esta provincia remota conhecem-o pela denominação de *flôr de côco*, porque a colhem em uma especie de palmeira. Pôde ser aproveitado, como se aproveitam nas mesmas regiões varios coleópteros luminosos. Alguns agaricos phosphorecentes, juntos n'um quarto, dão luz sufficiente para se poder ler. Deve-se ao reverendo Berkley a descripção mais completa d'esta prodigiosa planta. De resto parece que o agarico luminoso não se encontra unicamente no Brazil, porque M. Drummond descobriu já na Australia uma especie de cugumello que gosa das mesmas propriedades.

BIBLIOGRAPHIA.

A CRUZ, DRAMA PELO SR. LUIZ DE VASCONCELLOS DE AZEVEDO E SILVA — UM QUADRO DA VIDA, DRAMA PELO SR. ERNESTO BIESTER.

Acabam de sair á luz estes dous dramas, enriquecidos, o primeiro, de um juizo crítico pelo sr. Francisco Maria Bordalo, e o segundo, precedido de um prologo pelo sr. Luiz Augusto Rebello da Silva, e seguido de uma analyse crítica pelo sr. Antonio Pedro Lopes de Mendonça.

A edição é feita com limpeza e correcção; e cada drama fórma um bonito volume de oitavo francez, brochado.

Estreia de um escriptor conhecido nas lides da imprensa politica e litteraria, a *Cruz* representouse com applauso no theatro de D. Maria II em 18 de março de 1849.

Um Quadro da Vida, representado com acceitação no mesmo theatro em 29 de outubro de 1854, não é a primeira producção dramatica do sr. Ernesto Biester; mas é já um trabalho importante, que dá a medida do que pôde valer o auctor, se não lhe faltarem estímulos.

Recommendo os dramas indicados, folgaremos que os auctores consigam, na prova a que agora os submettem, confirmar o triumpho alcançado na scena.

Acham-se á venda estes dramas na livraria do editor, que o é tambem d'este semanario, rua Aurea, n.º 227 e 228. Em Lisboa vendem-se igualmente na livraria do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8, e na de Bravo, rua Aurea, n.º 212. Nas provincias, ultramar e estrangeiro em casa dos correspondentes do editor, cujos nomes podem lêr-se em varios numeros d'esta folha. Preço da *Cruz*, 320 rs. e do *Quadro da Vida*, 480 rs.